

Editorial

A EXPRESSÃO
DOS BISPOS

Há consenso de que as campanhas dos dois candidatos à Presidência estão ultrapassando com frequência os limites do aceitável. Seus tons vazam para a militância, que, sujeita a menos freios, passa a ecoar calúnias e difamações.

Isso explica, com certeza, o desalento de parte do eleitorado, cuja ausência às urnas, no próximo dia 31 – incentivada mais ainda pela iminência de um feriado –, é temida por autoridades eleitorais, partidos e próprios candidatos.

O último episódio desse embate foi a apreensão, no último sábado, em uma gráfica paulista, de 1 milhão de impressos contra a descriminalização do aborto. A apreensão foi feita pela Polícia Federal por determinação judicial.

O pedido foi feito pelo PT. O papel teria conteúdo difamatório. No entanto, o impresso apenas contém as conclusões de um encontro, em julho, realizado pela Regional Sul 1 da CNBB, que reúne as dioceses paulistas.

O impresso, é evidente, tinha fins eleitorais. Fora encomendado pela Diocese de Guarulhos e pago com doações de fiéis. Tinha a assinatura da regional. O candidato Serra negou que tivesse qualquer participação nele.

Mas a candidata Dilma reagiu afirmando que o impresso caracterizava crime eleitoral. Por quê? Os bispos não podem se manifestar sobre as posições assumidas pelos candidatos e seus partidos num tema que os interessa?

O impresso tinha sido distribuído antes, na missa do dia 12 último em Aparecida. A apreensão configura um atentado à liberdade de expressão. Ao arguir a paixão política do momento, a Justiça está cassando a palavra dos bispos.

O impresso não defende nenhuma candidatura, apenas enumera as posições do PT a respeito do assunto. Ficam evidentes as contradições em que o partido vem incorrendo tendo em vista a campanha eleitoral.

Em razão da repercussão do caso, os bispos divulgaram uma nota dizendo que não indicam nem vetam candidatos ou partidos e que respeitam a decisão livre e autônoma de cada eleitor. E o Estado de direito, como fica?

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Leandro Figueiredo

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Waldir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Aline de Almeida Reskalla

EDITORES
Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreeft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

A pequena burguesia “viajou”
na onda da alta burguesia

Encantamento com o PV não tem nada de “onda verde”

Adoro eleições. A aura que paira sobre elas desperta renovação de esperanças... Mas, em 3 de outubro, acordei esquisita. Adulta, era a primeira vez que não fazia boca de urna (quando criança, acompanhava mamãe). Votei cedo e fui dar plantão. Por todo o dia senti falta de zanzar pelas ruas. Amo a muvuca de dia de eleição. Minha tristeza era não estar naquilo que o sociólogo Marcos Coimbra verbalizou tão bem: “O dia da eleição é sempre diferente. Há uma mágica no ar, as pessoas se olham de uma maneira única. Talvez seja a percepção da democracia como realidade”.

Sob domínio ideológico da burguesia, a democracia como realidade não é fácil de ser fortalecida e consolidada; mesmo assim, é instigante e repleta de ensinamentos. Cada dia nos reserva novos aprendizados e de vez em quando nos deparamos com enigmas da esfinge, verdadeiros e falsos – como o encantamento da pequena burguesia urbana com o canto de sereia do PV, que não tem nada de “onda verde”, só demonstra que a luta de classes não acabou.

Na reta final da campanha, todas as frações da alta burguesia se mobilizaram coesas para incensar Marina para garantir Serra no segundo turno! E se valerem de outro regato para jogar água no moinho da luta de classes: o fervor religioso fundamentalista, que deu voto verde fundamentalista. Usamos de franqueza: a façanha de Marina é trágica. No fundo, e de cálculo pensado, serviu de escada para o conservadorismo e ainda canta vitória!

A explicação está em textos clássicos do marxismo sobre as “viagens” da pequena burguesia, uma classe em transi-

ção, vacilante e não confiável, desde sempre, que não compreendeu que, sufragando Marina, servia ao Serra, que não a encantava pela triste memória dos tempos FHC, pois sabe que viver sob o jugo tucano é prostrar-se de joelhos. Pobres e não ricos conscientes e ricos patriotas sabem de que fel se trata e o rechaçaram, elegendo Lula presidente duas vezes, bem ao estilo da frase lapidar de La Pasionaria – Isidora Dolores Ibárruri Gómez (1895-1989), personalidade comunista espanhola: “É melhor morrer em pé do que viver

A democracia com a realidade não é fácil de ser construída e consolidada; mesmo assim, é instigante e repleta de ensinamentos

de joelhos”.

No dia da eleição, coordenando o plantão, monitorava quem saía para votar. Não ouvi um voto Serra, mas a quantidade de votos Marina assustava! A alegação para não votar em Dilma era equivocada e moralista: “ela já fez muita coisa ruim”. Seria o enigma da esfinge? São pessoas que conheço há muito tempo; a maioria conseguiu comprar casa própria e carro zero a primeira vez nos últimos quatro anos; e nunca foram ecologistas, ecólogas, ambientalistas nem “verdosas”!

Sem compreendermos que é da natureza da pequena burguesia ser pendu-

lar (oscila entre o capital e o trabalho) –, seus interesses são contraditórios e sua maior tendência ideológica é identificar-se com os valores da burguesia: não a convenceremos de que é um governo popular e democrático o que mais lhe convém. Eis por que Serra não se interessa pelo debate republicano, mas pelo religioso conservador.

Setores do PT de extração reformista torcerão o nariz para a presente análise, ainda preliminar. Desprezá-la não é apenas ingenuidade, é atestar que esquecem dos milhões de recém-chegados à classe média (pequena burguesia) que, nela instalados, tendem a adotar valores políticos e morais da classe a que chegaram... E, como não houve empenho para a elevação da consciência política e sua decorrência direta, o pensamento crítico, o resto fica por conta de analistas políticos com mais “sustança” do que eu.

DUKE

